

O LÉXICO DA LÍNGUA ITALIANA: SUAS NUANCES

OLGA ALEJANDRA MORDENTE

RESUMO Apresentamos neste artigo o resultado de uma pesquisa sobre a situação atual dos italianos regionais, quanto ao uso de palavras diferentes para o mesmo significado. Essa fonte de riqueza lexical, observada do ponto de vista dos dialetos, é um tema de grande relevância que deve permitir aos alunos incorporá-la, desde o início de sua aprendizagem da língua.

PALAVRAS-CHAVE léxico; língua italiana; empréstimos dialetais.



ABSTRACT *Presentiamo in questo articolo il risultato di una ricerca sulla situazione attuale degli italiani regionali per quanto riguarda l'uso di parole diverse per un medesimo significato. Questa fonte di ricchezza, osservata dal punto di vista dei dialetti, è un tema di grande rilievo che deve permettere agli allievi di assimilarla fin dall'inizio del loro apprendimento della lingua.*

PAROLE CHIAVE *lessico; lingua italiana; prestiti dialettali.*

ABSTRACT *This paper presents the result of research into the current situation of regional Italian in connection with the use of different words with the same meaning. This source of lexical wealth, from the point of view of dialects, is a topic of great relevance that students are expected to incorporate from the beginning of their studies.*

KEYWORDS *lexicon; Italian language; dialect-loaned words.*

U

ma das características mais conhecidas na situação lingüística italiana é a fragmentação dialetal, isto é, a existência de muitas línguas locais diferentes da língua nacional, que derivam do latim vulgar (Biagi, 1985:327).

É legítimo falar de fragmentação, porque a realidade dialetal varia de lugar para lugar, no interior de cada região, e os limites dialetais não coincidem com os limites administrativos das atuais regiões. A afirmação da língua italiana acontece nas formas, geograficamente diversificadas, dos italianos regionais (variedade de italiano caracterizado por particularidades locais, sobretudo nos níveis fonológico e lexical).

Limitar-nos-emos, no âmbito lexical, a fazer considerações importantes acerca da situação atual dos italianos regionais, quanto ao uso de palavras diferentes para o mesmo significado. Para isso, temos, primeiramente, de falar dos empréstimos dos dialetos à língua italiana.

Até há poucos anos, havia na língua italiana palavras para expressar conceitos como “o valor civil” “a imortalidade da alma” ou “o lamento de um amor perdido”, mas não havia palavras para indicar comidas, instrumentos de trabalho, animais domésticos e outros. Às expressões destes conteúdos eram destinadas palavras dialetais, mais ou menos modernizadas.

No sul, por exemplo, conhece-se a melancia por *mellone d'acqua*; no norte, por *anguria*; na Toscana, por *cocomero*. Essa absorção dos dialetos no léxico italiano contribuiu para a dilatação das possibilidades semânticas da língua padrão, que se tornou a língua de todos, e expressa todos os possíveis significados. Algumas são palavras que provêm da tradição culta, outras, do cotidiano, extraídas do dialeto.

Deste elenco de palavras, emergem dois fenômenos que alteraram, nestes últimos anos, a identidade lexical dos italianos regionais. O primeiro é o fato de muitas palavras que, vinte anos atrás, podiam legitimamente ser consideradas como variedades do italiano terem assumido uma validade nacional: *dritto (furbo)*, *zozzo*, *macello*. Têm origem romana, mas já são italianas.

O segundo diz respeito a palavras que são, gradualmente, eliminadas ou substituídas pelos falantes por palavras consideradas de maior prestígio (porque são difundidas pela televisão ou pela publicidade). Na Toscana, a *camiciola* sobrevive somente na fala de uma avó, usa-se agora *maglia*; *uscio* está cedendo seu lugar a *porta*; *acquaio* está sendo substituída por *lavello*.

Os jornais, o cinema, o rádio, a televisão impuseram modelos ao italiano chamado padrão. No entanto, hoje pode-se reconhecer imediatamente a procedência geográfica do falante, baseando-se, sobretudo, na pronúncia, na entonação ou nas características lexicais.

As palavras citadas são algumas de tantas possibilidades de dialetismo, já assimiladas ao léxico padrão. Há casos de palavras dialetais que ainda hoje estão concorrendo entre si para imporem-se no italiano. A seguir, damos alguns exemplos de palavras empregadas em diferentes regiões com o mesmo significado:

fermaglio, spilletta, graffetta, ciappa (broche)
teglia, tegame (frigideira)
ciotola, scodella, tazza (tigela de leite, de sopa)
marmitta, zuppiera, terrina (sopeira)
salvietta, asciugamano (guardanapo)
pantofole, ciabatte, pianelle (chinelos)
lacci, cordonetti, laccetti (cadarço)

No dia-a-dia, por exemplo, em *Padova* o *cappucino* corresponde a *caffelatte* em *Trieste*; enquanto o *cappucino* em *Trieste* corresponde a *caffè macchiato* (pingado) em *Padova*. A *bistecca di manzo* (carne de boi) de *Firenze* chama-se *braciola* em *Bologna*; enquanto em *Roma* *braciola* é somente a carne de porco.

Essa fonte de riqueza lexical, observada do ponto de vista dos dialetos, é um tema de grande relevância que deve permitir aos alunos incorporá-la, desde o início de sua aprendizagem da língua. É um processo lento, contínuo e divertido ao mesmo tempo, porque os empréstimos dialetais revelam-se uma fonte de sinônimos, que se tornam expressivos quando utilizados, por exemplo, na literatura (Vitorini, Pavese, Pratolini), dando vivacidade ao uso lingüístico cotidiano de todos os falantes.

Vejam-se, para tal propósito, os trechos de Pratolini (1980:12):

Le case dei contadini avevano gli alti usci socchiusi, dipinti di verde come gli ombrelloni che si usano nel contado: ne proveniva odore di latte e di stalla [...]

Em *Cronaca Familiare* (p. 24), Pratolini usa *contado* no lugar de *campagna*; *uscio* em vez de *porta*.

La nonna si accese in viso, rispose: “Come abbiamo allevato questo” e mi sollevò la mano che teneva nella sua, “sapremo crescere anche il secondo”.

Nesta outra passagem (p. 25), o autor usa *crescere* (criar) no lugar de *allevare*.

*Ora avevi un anno, chiamavi **babbo** il tuo protettore.*

Também aqui o autor usa o léxico típico da linguagem falada florentina: no lugar de *papà* usa *babbo*. Pratolini, neste outro trecho (p.77), usa expressões da linguagem florentina:

*La nonna si è messa in **ghingheri** [...] Non stà più sulle mosse di **sbaciuchiarseli***

A intenção do autor é levar ao conhecimento do leitor o falar florentino, para tornar mais variado o diálogo. O estudante de italiano deve estar preparado para enfrentar estas variedades, e o professor pronto para explicá-las, sabendo distinguir o léxico dialetal do italiano.

Um exemplo pode ser ilustrado em nossas aulas de italiano. Ao lerem o romance *Cronaca Familiare*, os alunos do primeiro ano grifaram todas as expressões e as palavras da linguagem dialetal, encontradas nos diversos capítulos. Explicaram por que o autor as usou e substituíram-nas por expressões e palavras italianas de uso mais formal.

Entre as expressões que encontraram, podemos citar:

***pigliare un malanno** [pegar uma doença] (p.53);*

*da via Ninna calava un vento **diaccio** [um vento gélido] (p.53);*

*La nonna si è messa in **ghingheri** [com elegância afetada] (p.77).*

Os empréstimos dialetais são importante intercâmbio entre língua comum e falares regionais. Contribuem para dar ao italiano aquela variabilidade regional, percebida, principalmente, por aqueles que têm oportunidade de entrar em contato com falantes provenientes de diferentes regiões da Itália.

Firenze não é mais o modelo de língua para os italianos. Um florentino diz, no seu léxico familiar, *Io fò*, quando, em italiano, diz-se *Io faccio* (Eu faço). Isso ocorre porque o florentino, como toda língua viva, mudou através dos tempos.

Os toscanos hoje dizem: *acquaio*, o que, em italiano, é *lavandino* (pia); *rena* é *sabbia* (areia) em italiano; *balocco*, em lugar de *giocattolo* (brinquedo); *gota* e não *guancia* (face, bochecha) (Beccaria, 1988).

Um florentino, fora de *Firenze*, procura não usar *codesto* (questo), *fò* (faccio), *babbo* (papá), *figliolo* (figlio). Ele se autocensura.

Existe um italiano comum, nacional, que tem certos limites e problemas. O léxico geral, o léxico tecnológico italiano, é igual em toda a Itália, porque a cultura geral, a cultura tecnológica, surgiu em níveis nacional e internacional e não tem evidentemente raízes regionais, como o léxico das velhas profissões (*mestieri*), do artesanato, da vida mais humilde, como a dos camponeses, e a doméstica.

Vejamos, por exemplo, a terminologia dos alimentos. Os doces não têm ainda um nome industrial (como *panettone*, *pandoro*, *marron glacé*, *panforte*). Doces da *Lombardia*, *cannone* ou *cannoncino* (corneto recheado de chantilly); de *Napoli*, a *ciambella napoletana*; da Itália do centro e do sul, a *cicerchiata*. O italiano difundiu-se e enriqueceu-se graças aos dialetos. A terminologia da culinária italiana é rica em dialetismos (Beccaria, 88-89):

do Piemonte temos *agnolotti* e *grissini*;
da Lombardia, *ossobuco*;
do romano, *abbacchio* (*agnello*), *spaghetti all'amatriciana*; *porchetta*,
do napolitano e da Itália do sul, a *pizza*;
do siciliano, *i cannoli*, *la cassata*.

Muitas palavras, consideradas já como italianas, são de origem dialetal. Hoje não existe uma capital lingüística. É uma questão de prestígio lingüístico. Sobressai-se o modelo de italiano do norte. Isso depende da atividade social e cultural do centro de irradiação, mais intensa hoje em *Milano* do que em *Firenze*.

Os estrangeiros às vezes ignoram que o italiano falado em *Firenze* é o vernáculo, e acreditam que a pronúncia aprendida lá é a mais pura. Chegam a usar expressões, como:

È già il tocco (*mezzogiorno*);
Il caffè di codesto ristorante (*questo*);
Vò a casa e torno (*Vado*).

A escola, que, nos últimos anos, deixou de repelir e estigmatizar o dialeto, hoje está desenvolvendo uma obra de amálgama lenta e produtiva. Não é apenas uma fusão geolingüística, mas também sociolingüística. As novas relações de trabalho e a participação na vida pública reúnem pessoas de diferentes culturas e de diversas estratificações sociais.

Hoje já existe o italiano dos italianos. Quando uma pessoa do povo, no campo do esporte, por exemplo, fala na televisão, pode-se perceber que seu falar parece mais variado no léxico, com palavras técnicas, e na sintaxe. Por outro lado, o falar das pessoas cultas abriu-se para mode-

los coloquiais e populares, simplificando a morfologia e a sintaxe. A linguagem tornou-se mais coloquial e espontânea.

Por tudo isso, o estudo da língua italiana não deve limitar-se ao livro didático, o aluno deve estar consciente, desde o início, de que há variedades de italiano e de que a contribuição do dialeto à língua é grande.

O falante italiano tem uma gama de variedades à sua disposição e pode escolhê-las, em momentos diferentes, em diferentes situações. Saber falar a língua não quer dizer conhecer muitas palavras, mas falar adequadamente de acordo com o momento. Numa situação formal (por exemplo, num diálogo entre professor e aluno), não é aceitável dirigir-se ao seu interlocutor, dizendo: *Ma che pizza di libro mi ha dato in lettura!* Não respeitar as normas sociais que regulam o ato comunicativo pode resultar em situações cômicas, como apresentar-se ao caixa de um banco, dizendo: *Ehi amico, sganciami due centoni.*

Uma comunicação pode não estar muito clara, mas num determinado contexto ela será perfeitamente entendida. A palavra *espresso*, empregada num bar, no correio ou numa estação ferroviária adquire significados diferentes e inconfundíveis, em cada um desses lugares, a ponto de não precisarmos usar a expressão completa: *caffè espresso, treno espresso per Udine, francobollo espresso*, sob pena de tornarmo-nos pedantes e redundantes.

O emprego de uma ou outra expressão depende, às vezes, da situação. Dizer *ometto* a um rapaz é um ato de benevolência e confiança. Mas dirigida a um adulto é uma ofensa. Quando começamos uma carta, podemos usar várias expressões, como *gentile, illustre, egregio, caro, carissimo*, registros e códigos diferentes, que vamos escolher dependendo da pessoa a quem nos estamos dirigindo. Quem erra na escolha comete uma falta *contemplada*, quer dizer, inadmissível. Dizer, diante de uma senhora de respeito, *mi infastidisce* ou *mi secca* é permitido; mas dizer *mi scoccia* ou *mi rompe* é ultrapassar os limites da cortesia (Simonini, 1976:50).

O professor deve ensinar a seus alunos que o italiano é uma língua cheia de surpresas, rica em variedades e com interferências dos dialetos. O aluno deve saber distinguir um italiano literário de um italiano coloquial; um italiano regional (culto, muito culto, medianamente culto) de um italiano regional popular (com interferência dialetal).

Através de textos, o aluno entra em contato com as variedades sociogeográficas dos falantes, pois cada região da Itália corresponde a subdivisões dialetais (eventualmente também *alloglottiche*).

A situação que delineamos é definível como a existência de um sistema de sistemas, quer dizer, de um diassistema (Biagi, 1985:317) para cada classe social.

Um professor veneziano de escola secundária, por exemplo, terá a competência do italiano literário, do italiano coloquial, do italiano regional, do dialeto veneziano burguês e, talvez, popular (uma competência passiva, ou seja, mesmo que não esteja em condições de falá-lo, o entende). Ele poderá escolher uma ou mais variantes do diassistema.

O estudante brasileiro deve adquirir, pelo menos, essa competência passiva para que, quando

enfrentar o ensino de nível superior ou elaborar suas pesquisas, não se depare com dificuldades que poderiam ser resolvidas durante sua aprendizagem, e não numa etapa posterior.

Bibliografia

- BECCARIA, G. L. *Italiano: l'antico e il nuovo; il movimento, le varietà e i problemi nell'italiano d'oggi*. Milano: Garzanti, 1988.
- BIAGI, M. L. A. *Linguistica essenziale*. Milano: Garzanti, 1985.
- PRATOLINI, V. *Cronaca Familiare*. 3.ed. Milano: Mondadori, 1980.
- SIMONINI, A. *Sociolinguistica*. Bologna: Calderini, 1976.